

Rápida tomaste do pacote e caminhamos juntos pela praia em direção ao sol. E a cidade era como um sonho de que se quer lembrar.

Teria eu já alguma vez sentido minha pele grudar na tua ou ouvido o teu gemido? Já acordara antes em teus braços nesse mesmo quarto avarandado?

Teu corpo marinho sobre a cama e teus olhos, entre suaves e severos; a tarde, a parábola do horizonte – tudo conspirou, ou foi conspirado. Aí nos beijamos, bocas que escaparam à noite.

Uma estrela desenhou no céu e o mundo se refletiu na brancura de suas paredes. De nosso refúgio vi Aldebarán, agora solitária de minha companhia, abandonada como vela caída ao mar da última praia, e que ninguém recolhe. Ronda como cão ou louca, buscando o que a liberte a outros céus.

Silhuetas numa janela aberta aos arcos da bela Meldre...

Deseja mais amigos?

SETE VIDAS

*Mucinho Lourenço**

Morri convicto de que esse negócio de reencarnação era bobagem.

Hoje, devo ceder aos fatos.

A própria existência deste texto prova que eu estava errado.

Cá estou novamente, agora acostumando-me à idéia de ser completamente peludo e de articular todas as variações possíveis da palavra *miau*.

Pois é, amigos, aprendam mais esta: escritores voltam a este mundo como gatos. E não me perguntem o porquê deste novo formato. Entre o fatídico instante em que minha versão humana se foi e a tomada de consciência de que sou um felino, nada me foi explicado. Nada de anjos, guias, carontes e (sem querer roubar-lhes o chão) nada de Deus, ser superior, essas coisas. Foi como dormir homem e acordar gato; aquela situação kafkiana de amanhecer transmutado sem maiores esclarecimentos. Foi assim.

Demoro no mesmo bairro de antes (ainda que os tempos sejam outros), a velha e boa Freguesia do Ó. Meus antigos quintal e casa viraram, de início, um grande estacionamento e, mais recentemente, após uma mui rápida construção, um templo evangélico. (Notem que o fenômeno da ressurgência afeta, de modo igualmente sem sentido, as coisas não-vivas.)

Em vão, pois, procurei alguém conhecido. Um nome, um rosto, um tipo, nada. Meus parentes e amigos de outrora morreram todos – ou encarnaram em outras bandas, para ser mais correto.

Vivo só. Ou tento. Certas pessoas insistem na estranha idéia de que lhes pertenço. Bem, fazer o quê? Tiro partido disso.

Passo algum tempo sobre a mesa de um velho solteirão, olhando-o. Ele é redator de necrológicos. Ainda que seja de uma categoria estapafúrdia, é um escritor, e compraz-me vê-lo trabalhar. O prazer é tanto que, invariavelmente, durmo. O homem é quieto e digita num maquinário datilográfico (o que agora vocês chamam de computador pessoal) pra lá de silencioso. É o céu; deve ser. Durmo que me acabo sobre a mesa do homem.

Puxa, havia tantas teorias sobre o *post-mortem* – lembro-me das rodas de amigos, das certezas de cada um, das discussões apaixonadas. E pra quê? Pra tudo acabar aqui mesmo, neste planeta, na mesma Freguesia do Ó, e assim, como uma bolota de pelos sobre os papéis de um escritor. “Brasil nunca mais”, “O que é isso, companheiro?”, “Quando as máquinas param”, “O Capital”, livros de Hobsbawm, Boris Fausto, Leo Huberman, Caio Prado Jr., Leonardo Boff, Celso Furtado, da *Paz e Terra*, da *Alfa-Omega*, muitos exemplares de **O PASQUIM**, alguns amareletos e jogados, outros luxuosamente encadernados. E eu debruçado por sobre tudo isso, indiferente.

Fui de esquerda também; lembro-me disso. Agora passou, sou apenas um gato preguiçoso que fica deitado à esquerda (dependendo do ponto de vista) da mesa de um obtuarista.

Creio que minha presença dá ao homem alguma satisfação. Flagro-o fitando-me de vez em quando com uma cara que chega a esboçar felicidade. Sinto que, com isso, pago a ele pela minha hospedagem.

Costuma chamar-me de Che, ou de Che Alexandre Tupinambá, ou simplesmente de Tupi.

Chamo-lhe MIAU (variação quarenta e dois; sei que o escritor nota a diferença).

Seu nome e seu tipo: Meireles, *o circumspecto*.

Mas como não vivo só de dormitadas, saio dali por uns tempos e compareço ao local das refeições: a casa de D. Bezinha, *a mimadora compulsiva*. Velha louca. Só me submeto aos excessos amorosos dela por causa da comida. A mulher real-

mente entende tudo sobre paladar de gato, mas, coitada, não sabe lhufas sobre zona erógena animal ou sobre qualquer outra zona sensível dos felinos. Faz carinho em cada lugar!

Vocês não adivinham qual é o meu nome lá. Não mesmo, nem em três milhões de tentativas. Acreditem, amigos, a velha me chama de Úrsula; exatamente, a infeliz pensa que sou fêmea. Olha de vez em quando pro meu saquinho e resmunga comentários quase monossilábicos sobre as dimensões e as potencialidades da minha suposta vagina. Ri sozinha, a doida, e inicia suas intermináveis carícias no meu denso e desinteressado rabo. Para que vocês me entendam: a vovó comporta-se como uma criação clariciana: todo dia as mesmas atitudes e todo dia algo dentro dela está diferente. Percebo no seu olhar. Muita coisa deve acontecer naquela cabeça aposentada. Mas nada que altere sua rotina de alimentar bem e acarinhar muito mal este gato.

Resultado: fico o tempo suficiente pro almoço, espero uma distração da velha e saio.

Penso que seja válido aqui uma explicação. Apesar de ter consciência de que fui humano e civilizado, sou governado, neste meu atual estágio, pelos insopitáveis e selvagens desígnios dos instintos – pelo menos penso que sou na maior parte do tempo. Portanto, não condenem as preocupações, os objetivos ou os meus procedimentos. Sou gato, sou bastante gato, e não sou menos pelo fato de digitar, ou melhor, de patear estas linhas todas.

Eu acho.

Dito isso, sinto-me mais à vontade para contar-lhes sobre Agripina, a artista plástica... como posso tipificá-la? O termo próprio talvez seja: *semi-depravada* – sim, é este o termo: Agripina, *a semi-depravada*. A mulher sofre do mal que normalmente acomete as personagens rodriguianas: uma formação moral rígida convivendo de modo ora conflituoso ora harmônico com uma porção exageradamente lasciva, essa é ela. No que me diz respeito, dane-se o seu conflito interior, vou à casa dela porque lá são promovidas verdadeiras orgias felinianas (com o perdão do trocadilho cinematográfico). O tesão da mulher é ver a gente, ou melhor, nós, os gatos, trepando. Vai entender.

Falar abertamente sobre esses assuntos, sobre sexo, ela? sem chance. “Palavras não são sinceras, são imundas, são falsas, são sujas; os instintos não, eles sempre dizem a verdade, e de um modo maravilhosamente limpo”, diz para si, enquanto nos observa fazendo a corte em seu quintal.

Pega os apetrechos necessários às suas pinturas e esculturas e começa a produzir (freneticamente) figuras mordendo pescoços, volumes sobrepostos, vultos e fluidos esparramados, faces sugerindo um sofrimento satisfeito, bocas, muitas bocas, bocas com palavras reprimidas.

Os vizinhos, ao verem-na correndo pela rua, sempre no mesmo horário, recolhendo gatos, riem de sua dependência, de sua (tanto deles como dela) sexualidade malresolvida.

Todos os que encontra (os gatos, não os vizinhos) ganham nomes de artistas.

Por algum tempo tentou alcunhar-me Picasso, dado o caráter confuso da minha pelagem – “esse gato está indo ou vindo?” – e (secretamente) dado o meu comportamento libidinoso – também outra propalada característica do artista malaguenho. Mas, tendo em vista que poucos entenderiam a relação entre a arte do pintor e o caráter pluridimensional do meu formato, e temendo que alguém (um vizinho, provavelmente) fizesse uma associação fonética simplista entre o nome do espanhol e meu órgão genital, e, ainda, percebendo que, realmente, meu comportamento sexual era indistigável e característico, passou a chamar-me Rodin – um jeito mais discreto de dizer a mesma coisa.

Terminado o festim, Rodin escapa Dalí, digo, dali.

Próxima parada: Igreja de Santa Cruz de Itaberaba. Padre Glicério, *o músico*, espera-me para o leite da tarde e para os seus saraus eletrônicos – exceto sábados e domingos, quando o homem tem de exercer os rituais que justificam seu salário.

Recebe algo em torno de três mínimos e gasta quase tudo em discos (*cedês*, como chamam agora). Seu gosto é eclético: coisas de que ainda me lembro: Dick Farney, Marlene, Orlando Silva, Isaurinha Garcia, alguns recantados por nomes atuais: Maurício Pereira, Itamar Assumpção... misturados a coisas genuinamente desta época: Jamiroquai, Blind Melon, Wynton Marsalis, Me’shell Ndegéocello, Ministry... Contudo a preferência, a minha e a dele, é Elvis Costello, um inglês. Vocês não sabem o que a música desse homem faz ao ouvido de um gato. *Miaul!* Depois de um leite quente então, nossa.

Ficamos arremessados sobre o sofá, ouvindo.

O padre sempre bota “Almost Blue”; o velhaco! ele sabe que eu adoro essa.

Veza por outra, no meio dessa música, olho o padre. O cura fica estranho, parece-me cansado de tudo, sofrendo da ‘fadiga do olhar’ drummondiana, sabem qual é? Seus olhos dão a impressão de terem desistido de abarcar a noção do conjunto das coisas, ficam semicerrados e percorrem um campo de visão pouco extenso. No entanto, a imagem que resulta em seu rosto é de quem está muito além de qualquer espaço humanamente abarcável. O homem fica, numa palavra, poetando.

Raramente ele sai da paróquia. Como eu disse, a música o leva, de vez em quando, para longe, mas ele sempre volta à realidade, pois sabe que tem de cumprir sua função na igreja.

Lá, como em todos os lugares, eu também não fico por muito tempo – principalmente quando o Glicério carrega no ecletismo e bota pra tocar uma tal de P.J. Harvey, ou uma outra por nome Laurie Anderson. Que mulheres e sons mais... mais ‘não-gatos’.

Se ele insiste nessa barulheira, caio fora.

Esse meu caráter fugidivo, fazendo o pobre pároco buscar-me em vão pelas dependências da igreja, valeu-me a alcunha de Graal.

Claro que houve aí também o componente onomatopaico do nome; coisa de quem tem ouvido musical.

No final da rua Terezinha de Spagna (Tereza de Espanha?) existe um ferrolho, ou um ‘depósito para material a ser reciclado’, modernamente falando. Moderno ou não, o fato é que onde há montanhas de papel, há ratos, e onde há ratos, há muito o que possa interessar a um felino. Adoro perseguir roedores.

O instinto da caça talvez seja uma manifestação atual daquilo que, no passado, eu fazia com as palavras: primeiro acossava-as de modo sistemático e nervoso; depois, ao tê-las sob meu domínio, não dava a elas, de imediato, o fim desejado; antes brincava, jogando de um canto a outro de suas semânticas e de suas sonoridades. Assim faço eu com os camundongos que encontro. A explicação do prazer que sinto fazendo isso, quem sabe, esteja aí.

Ou não. Pois é, há mais coisas envolvidas numa caçada, coisas difíceis de explicar.

Talvez faça só porque é cruel, divertido e pronto.

Seu Clides, *o bruto*, o dono do lugar, ele é quem diz isso. Diz que sou a encarnação do demo. Diz-se crente e capaz desse julgamento. Diz coisas da Bíblia misturadas com slogans de garrafa de pinga. Diz frases premonitórias amalgamadas com palavões. Diz tudo numa sintaxe de bêbado indescritível. Diz, diz, diz, mas, pobre diabo, diz às paredes, pois é um homem de pouquíssimos interlocutores e nada freqüentes.

Por encontrar-me sempre aos esfregões em seus pés, ganhei dele o nome de Chulé. Provavelmente esse tenha sido o único carinho que o infeliz tenha-se dado ao trabalho de me fazer. Ele é meio... puxa, eu não saberia fazer uma correta descrição machadiana do caráter e da psique do Seu Clides. Uma pena, pois o homem é pleno de patologias de alma e de sítio, um agente-paciente do meio imundo em que vive.

Penso que ele é assemelhado em muito à pós-manufatura com a qual trabalha: é o lixo social, é sua causa e é sua conseqüência, e, ao mesmo tempo, representa a redenção desse lixo. Parece ser necessário, no mundo civilizado dos bípedes implumes, que alguém dê a medida do não-civilizado, que se responsabilize pelo lixo, que o represente.

Noutras palavras, a maldade tem um nome: Seu Clides. O que não for Seu Clides é bom.

Se ele não gostasse tanto de me chutar, ficaria mais tempo com o miserável, analisando-o.

Não muito longe dali, num conjunto habitacional intitulado Cingapura (sic), moram os recentemente casados Cláudio e Ana, *os revezantes*. Com sorte, um chega do trabalho a tempo de ver o outro saindo: ele é estoquista numa empresa em Ermelino Matarazzo e ela trabalha à noite num bingo lá no Jabaquara.

Meu interesse no apartamento deles está nos móveis novos, de vime. Recuso-me a explicar a sensação de passar as unhas nesse material: vocês nunca entenderiam.

'O gato', se é que isso pode ser um nome, é como sou conhecido na casa. Não sei exatamente como aconteceu, eu simplesmente entrei, mas o fato é que cada um dos cônjuges imagina que foi o outro que me trouxe para dentro. E, num casamento tão cheio de desencontros, é fácil entender porque Ana, tentando não melin-

drar o sentimento de Cláudio, tolera minhas intervenções na mobília, e porque ele faz o mesmo quando me vê unhando todo o salgueiro da casa.

"O gato está bem?" – pergunta um. "Tá, tá bem. Brincalhão ele, não?" – devolve o outro.

Vivem o mito da falsa inonha parkeriana. Enganam-se, toleram-se e, com isso, imaginam estar amando um ao outro. Alguém lhes disse que, num relacionamento, ceder é importante; por conta disso, estão cedendo desde o primeiro dia do enlace. Se um deles tirar férias ou trocar de horário, será o fim do casamento. Por enquanto estão juntos graças ao apartamento, ou melhor, graças ao afastamento, juntos por estarem vivendo cada qual a sua solidão.

Mas por que será que fui reencarnar novamente nessas paragens e levado a viver com essas pessoas tão estranhamente solitárias? Será isto a Samsara hindu? o Carma búdico? Haverá mesmo *uma intenção por trás de cada ação* ?

Ei! Espere um momento! Por que essa preocupação agora? Sou apenas um gato. Que pensamentos são esses? Será que foi a cabeçada que dei ao errar a *pet door* da casa do Meireles?

Ronrom... talvez. Aquilo foi mais um sinal de que estou ficando velho.

É isto: a velhice; taí porque, de repente, preocupo-me com questões existenciais.

Miau... sinto que logo logo os reflexos trairão este gato. Breve errarei também a caixa de areia, cairei com as patas para cima, objetos em movimento não chamarão mais a minha atenção, perderei, certamente, as disputas de território e, enfim, não poderei mais sair à rua, pois será um ato de extremo risco.

Tenho doze anos. Devo sossegar o facho. É tempo.

Vejo que terei de escolher entre os meus 'donos' um que mereça o título.

Com certeza não ficarei com o casal Cláudio e Ana. Afinal, aquilo não será um casal por muito tempo.

E quando isso acontecer, o que será de mim?

E se, de repente, na hora de dividir as coisas, um fica com o gato e o outro com os móveis de vime?

Isso se não me transformarem em pivô da separação: “E esse gato aqui!, que faz uma bagunça dos diabos!” – um deles desabafará, repentinamente. “E o que é que eu tenho a ver com isso?” – retrucará o outro. “O gato é seu!” – dirão ambos, em unísono.

Pois é, quando a atual ‘sessão cessão’ terminar, vai sobrar ‘seção’ deste bichano por toda Freguesia. Eu não vou ficar pra conferir o estrago.

Bem, Seu Clides é um bêbado, é mais companheiro da pinga do que de qualquer outra coisa. Com ele não ficarei em hipótese alguma.

Para que abra a porta do galpão dos papelões, esfrego-me às suas pernas trôpegas e ganho chutes. Não posso suportar aquilo terceira idade adentro; tenho certa dignidade guardada nalgum lugar (dêem-me só alguns minutos que já lembro onde botei). Ademais, os ratos começarão a escapar dos meus botes e ... ih, vai ser ridículo.

A maldade só é divertida enquanto podemos exercê-la.

O padre é um cara simpático. Mas sinto que brevemente largará a batina: se não for pelo amor a um garoto, que é a cara do Chet Baker e surgiu por lá há algumas semanas, será por tentar fazer sexo com ele. Além disso, o Glicério anda muito grudento e possessivo: outro dia fez um cercadinho e disse que aquele troço era todo meu. Qual é? Que negócio inquisitório é esse de que vai prender-me para o meu próprio bem? Dessa música eu não gosto, amiguinho. Tô fora.

Outra que anda com mania de posse é Agripina. Decretou que sou modelo de sua fase azul, logo eu, todo amarelo. Assim não dá pra ficar. A gataiada trepando a torto e a direito lá fora e o Rodin estatuificado à força num canto de parede. Ô, minha senhora, coloque-se na vida. Vá brigar com aquele crítico que escreveu no *lead* da sua coluna: “Falo duro sobre a obra de Agripina”; só mesmo você, tonta, não percebeu o jogo de palavras. Só mesmo você, Agripina, não percebeu que os vizinhos (homens) saem *instintivamente* à rua para vê-la, ‘de quatro’ no asfalto, mostrando suas partes renascentistas, enquanto tenta tirar um gato qualquer que tenha entrado debaixo de um mui quentinho FIAT estacionado.

É por essas e outras que meus instintos estão gritando: *ciau!*

E quem, recentemente, resolveu participar da minha vida sexual foi D. Bezinha, aquela que mal sabe distinguir um pinto de uma pinta. Arranjou lá um gato por nome Raul e botou-o comigo para ‘cruzarmos’. *Olha, você vai me desculpar, meu amor, mas a Úrsula aqui está indisposta, tá bom?*

O pobre Raul, um gato dos seus três anos, jovem ele, que fora escritor de novelas de rádio quando gente, ainda está adaptando-se ao seu novo formato; não entendeu nem mesmo o que é esse mundo de comunicações catódicas, tanto menos os propósitos reprodutivos da velha.

Ela agora quer muitos gatos; descobriu que ‘eles todos adoram as suas carícias’. E disse que confia na minha capacidade de realizar seu sonho, seu roubo de instinto maternal. Bem que desconfieci daquela quietude toda.

Conversamos um pouco, eu e o Raul (não havia muito mesmo o que fazer, tendo eu mantido a minha opção *hetero* nas escolhas sexuais). Tentei dar a ele algumas dicas de gato experiente que sou. Ensinei-o como paparicar o bicho *Homo sapiens* e dele conseguir o que quiser. Coisas básicas que todo gato deve saber.

Quanto ao assunto “D. Bezinha”, deixei o pobre Raul lá, por sua conta e risco. Isso ele aprenderá sozinho.

Ou melhor, logo logo aquela casa vai estar cheia de gatos e ele irá, aqui e ali, entendendo os outros detalhes desta vida.

A mim não interessa essa multidão de felinos. Fará com que me lembre do chá das terças-feiras na Academia Paulista de Letras, aquele monte de escritores juntos... hum, não, não.

Pois então, suprimidas as possibilidades de escolha, resta-me o Meireles.

Até que, convenhamos, não é má opção de ‘dono’. De certo, devo ressaltar, ele é meio relaxadão, não liga pros meus reclames: não faz carinhos; nunca me deu comida ou uma gatinha como companheira; não possui gosto musical refinado, se o tem, não é explícito (existe lá um disco de vinil com o hino da Internacional Socialista, mas – Deus é pai! – raramente ele põe pra tocar); também não brinca comigo e não tem sequer uma cesta de vime, pequena que seja, pra me oferecer. Não é, enfim, o ‘dono ideal’.

Mas, por outro lado, cumpre certos requisitos importantes: não ignora minha presença (foi o único a dar-me sobrenome); nunca me bateu; nunca tentou me prender ou forçar-me a nada; deu-me, ao contrário, acesso franco a tudo que possuí e, graças à *pet door*, acesso franco a tudo que não possuí; deu-me lugares para ir e um lugar para ficar, se quiser.

Ok, eu quero.

Quero estar aqui para redigir seu necrológio, meu calado amigo Meireles.

“Não sei o que você foi, mas sei: será um ótimo gato.”

Um dos sete contos da obra *O sucesso não ocorre no meu caso* –
histórias que mostram o avesso dos manuais de auto-ajuda.
Menção Honrosa no Projeto Nascente VII.

Normas para editoração da revista Linha d'água

1. A revista Linha d'Água aceita para publicação artigos inéditos em sua especialidade:
 - estudos lingüísticos e literários sobre línguas clássicas e modernas;
 - estudos sobre o ensino de língua e literatura;
 - resenhas e resenções críticas de obras científicas na área de Letras e de obras literárias;
 - notícias e comunicações na área de Letras.
2. O material para publicação deverá ser encaminhado à equipe editorial da revista, com autorização do autor para publicação (em folha à parte) declarando não querer receber direitos autorais.
3. Todos os trabalhos deverão ser enviados em duas vias impressas e em arquivo eletrônico editado através do programa Microsoft Word for Windows versão 2.0 ou superior.
4. O material a ser publicado deve ser acompanhado de folha de rosto onde serão indicados:
 - título;
 - autor ou autores;
 - instituição em que trabalha cada autor e a atividade que exerce na mesma;
 - titulação acadêmica de cada autor;
 - se o(s) autor(es) achar(em) necessário, indicação de auxílios, vinculação a projetos, se é resumo de dissertação ou tese ou quaisquer outros dados relativos à produção do material. No caso de resumos de teses ou dissertações, indicar o título da mesma, a data e a instituição de defesa.
 - endereço pessoal e de trabalho completos, bem como telefones (e ramais quando for o caso) para contato.
5. O autor deverá indicar a data da elaboração do original, para que seja impressa na revista.
6. O original deve desenvolver-se na seguinte seqüência: título do trabalho, nome(s) do(s) autor(es), referência bibliográfica (no idioma do artigo), resumos e pala-